
UM RECORTE DO PERFIL DEMOGRÁFICO DE MULHERES NEGRAS IMIGRANTES, QUE RESIDEM EM SÃO PAULO

A CUT OF THE DEMOGRAPHIC PROFILE OF BLACK IMMIGRANT WOMEN RESIDING IN SÃO PAULO

Maria Cecília Leite de Moraes¹

<https://orcid.org/0000-0002-8717-6513>

<http://lattes.cnpq.br/2247166440691024>

Climene Laura de Camargo²

<https://orcid.org/0000-0002-4880-3916>

<http://lattes.cnpq.br/5183002830901288>

RESUMO: Este trabalho apresenta parte da pesquisa “Condições de vida de mulheres negras imigrantes”, visto que os deslocamentos humanos constituem relevante tema no mundo contemporâneo. O artigo exhibe aspectos do perfil sociodemográfico de 33 mulheres imigrantes residentes no Brasil e contempla as seguintes variáveis: idade, país de origem, grau de instrução, atividade atual e tempo de residência no país. Os resultados destacam que a maior parte das imigrantes vieram de países africanos, sobretudo de Angola. Das entrevistadas, 60% estavam na faixa etária entre 31 e 40 anos, 94% possuíam ensino médio e superior e 45% estavam desempregadas. Mesmo diante das dificuldades enfrentadas por imigrantes negras no Brasil, a imigração desta população segue acontecendo. Constata-se, portanto, a importância da formulação de políticas públicas que incluam essa população, já que a mesma, ao chegar, deve ser incluída como parte da sociedade brasileira.

Palavras-chaves: Imigrantes; Gênero; População Negra.

ABSTRACT: This work presents part of the research “Living conditions of black immigrant women”, since human displacements are a relevant theme in the contemporary world. The article shows aspects of the sociodemographic profile of 33 women belonging to the group and includes the following variables: age, country of origin, education level, current activity and length of residence in the country. The results highlight that the majority of immigrants came from Angola. Of the interviewees, 60% were in the age group between 31 and 40 years old, 94% had secondary and higher education and 45% were unemployed. Even with the data, black immigrants continue to come to Brazil. It is evident the importance of the formulation of public policies that include this population, since it, when arriving, becomes part of Brazilian society.

Keywords: Immigrants; Genre; Black population.

¹ Universidade Federal da Bahia, Escola de Enfermagem. Pesquisadora do Grupo de Estudos da Criança e do adolescente – CRESCER. Doutora em Saúde Pública pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, Pós Doutora pela Escola de Enfermagem da Universidade Federal Da Bahia. E-mail: leimo7@hotmail.com.

² Professora da Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia. Coordenadora e Pesquisadora do Grupo de Estudos da Criança e do adolescente – CRESCER. Doutora em Saúde Pública pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, Pós Doutora pela Université René Descartes, Paris V, Sorbonne. E-mail: climenecamargo@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

O Brasil, tradicionalmente e historicamente, é um país de imigrantes (Lima; Silva, 2017). A partir do descobrimento aportam os primeiros imigrantes portugueses, seguidos pelos africanos que chegam na condição de escravos. Essa condição contribui para que os negros não fossem reconhecidos como imigrantes e, ainda potencializou a corporificação do racismo brasileiro.

Os deslocamentos humanos constituem uma pauta de grande relevância em tempos contemporâneos (Ramos, 2017). Destaca-se que a participação das mulheres nos processos migratórios trouxe importantes mudanças nos estudos sobre o tema (Ramos; Franken, 2018). Esta tipologia de deslocamento denomina-se genderização ou feminização das migrações (Ramos; Ramos, 2014).

Observa-se que as mulheres assumem o protagonismo no processo, já que, no ano de 2010, representavam 50% da mobilidade humana mundial (Topa; Neves; Nogueira, 2013). Atualmente, reconhece-se que a feminização migratória apresenta índices maiores (Ramos; Franken, 2018).

É importante evidenciar o aumento do número de imigrantes vindos do continente africano, aspecto que remete a uma nova diáspora (Negreiros, 2017). Apesar do vigor dos estudos migratórios nos últimos anos, poucos abordam a temática a partir de uma perspectiva étnico-racial.

Os indivíduos migrantes buscam novas alternativas e transformações de vida (Ramos; Ramos, 2014). Diante das adversidades, a escolha de um novo destino, muitas vezes, transcorre de maneira aleatória e inconsistente, edificada pela imposição do momento. Distingue-se que são mudanças com todo o tipo de precariedade, resolvidas sob a égide do risco, medo e desespero, nas quais muito é deixado para trás.

Por outro lado, as dificuldades impostas pelos deslocamentos podem ser suplantadas, principalmente, pela cooperação e solidariedade (Ramos; Ramos, 2014). O acolhimento contribui para a mediação entre populações diferentes (Oliveira; Moraes, 2017) e a coexistência pacífica, além da preservação de características peculiares do meio de origem, fatores que podem adjuvar as relações entre nacionais e imigrantes. Abaliza-se que o compartilhamento de saberes é uma das virtudes da movimentação humana; ressignificam identidades, cooperações, famílias e novas relações entre os indivíduos (Carleial, 2004).

No que se refere às mulheres negras, discrimina-se que, dentro da escala de divisão das classes sociais, elas se encontram na pior posição; sendo, assim, expostas a suscetibilidades que conduzem à péssima qualidade de vida (Pereira, 2019).

As mulheres negras que emigram para o Brasil comumente afluem de países em desenvolvimento e experimentaram circunstâncias que acarretaram problemas sociopolíticos e econômicos, que as fragilizaram. A conjuntura contribui para que uma parcela significativa dessas imigrantes chegue como refugiada ou, ainda, como indocumentada (Padilla, 2013).

Mesmo buscando mudanças, essas mulheres enfrentam fissuras sociais, familiares, afetivas, de referências linguísticas e geográficas, o que pode potencializar o sofrimento do grupo, que já é extremamente vulnerável.

Evidencia-se que, ainda hoje, o sistema de hierarquização brasileiro associa cor da pele com classe e status social, aspecto determinante para a discriminação e a exclusão vigentes no país (LOPES, 2005).

É potente lembrar que as imigrantes que escolheram o Brasil para viver tornaram-se, uma vez estabelecidas no país, elementos que constituem a sociedade.

Os aspectos mencionados levam a considerar a importância de conhecer esta coletividade a partir do recorte do perfil sociodemográfico de um grupo de mulheres negras migrantes de Angola, Haiti, Congo e Costa do Marfim, que vivem atualmente na cidade de São Paulo.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este artigo é parte do estudo “Desvelando Aspectos das Condições de Vida de Mulheres Negras Imigrantes”, elaborado para uma pesquisa de pós-doutoramento da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, realizado entre os meses de outubro de 2017 e agosto de 2018. Tratou-se de um estudo de campo descritivo e exploratório, com abordagem quanti-qualitativa, sob formato de respostas escritas e narradas.

As entrevistas aconteceram em 06 (seis) diferentes locais: 04 (quatro) estabelecimentos confessionais (caráter religioso), uma Organização Não-Governamental e uma Ocupação de Moradores Sem Teto; todos localizados no município de São Paulo.

Participaram do estudo 33 mulheres negras, migrantes de Angola, Haiti, Congo e Costa do Marfim, com mais de 18 anos de idade, que compreendiam e falavam a língua portuguesa. A seleção foi feita a partir de critérios subjetivos, ou seja, convenientes para o pesquisador (Fontanella et al., 2011).

Para compor o perfil demográfico das entrevistadas, foram coletados os seguintes dados: idade, país de origem, grau de instrução e atividade atual. As informações foram complementadas pelo tempo de residência no Brasil.

Os dados qualitativos foram resumidos em frequências absolutas e relativas (porcentagens) e os quantitativos foram descritos em médias, desvio padrão, valores mínimos e máximos. O programa utilizado para efetuar os cálculos foi SPSS, versão 21. As apresentações estão expostas em tabelas e gráficos de pontos.

Todas as entrevistadas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, com o parecer número 2518235. A coleta de dados ocorreu entre os meses de outubro de 2017 e agosto de 2018.

RESULTADOS

Participaram da pesquisa 33 mulheres negras imigrantes, com idades entre 19 e 38 anos (média de 31,2 anos, desvio padrão de 5,2 anos). A maior parte das entrevistadas (23 mulheres, 69,7%) veio de Angola, 15,2% do Haiti, 9,1% do Congo e 6,1% da Costa do Marfim. Quanto ao grau de instrução, quase 80% (26 mulheres, 78,8%) cursaram o ensino médio completo, quatro possuíam o curso superior e apenas duas não chegaram ao ensino médio. A atividade atual é muito variada, sendo que quase metade das entrevistadas (15 mulheres, 45,5%) estava sem emprego.

Tabela 1: Perfil sociodemográfico entre 33 mulheres participantes da pesquisa.

Variáveis	Estatísticas
Idade (anos) - média (dp)	31,2 (5,2)
Tempo no Brasil (meses) -média (dp)	27,5 (20,7)
Pais de Origem - n(%)	
Angola	23 (69,7%)
Haiti	5 (15,2%)
Congo	3 (9,1%)
Costa do Marfim	2 (6,1%)
Grau de instrução- n(%)	
Ensino Fundamental Incompleto	1 (3,0%)
Ensino Fundamental Completo	1 (3,0%)
Ensino Médio Incompleto	4 (12,1%)
Ensino Médio Completo	18 (54,5%)
Superior Incompleto	4 (12,1%)
Superior Completo	4 (12,1%)
Não respondeu	1 (3,0%)
Atividade Atual - n (%)	
Desempregada	15 (45,5%)
Cabelereira	5 (15,2%)
Estudante	4 (12,1%)
Costureira	2 (6,1%)
Limpeza	2 (6,1%)
Agente de saúde	1 (3,0%)
Ativista/Jornalista	1 (3,0%)
Bico	1 (3,0%)
Maquiadora	1 (3,0%)
Não respondeu	1 (3,0%)

dp=desvio padrão; n=frequência absoluta, %=frequência relativa

Fonte: Pesquisas de mulheres negras imigrantes – São Paulo, 2018

Ainda, no que se refere ao grau de instrução, as imigrantes angolanas apresentaram os maiores graus de instrução, sendo que 60,9% completaram o ensino médio e 26,1% chegaram ao ensino superior, destacando que 8,7% concluíram o ensino superior. Entre as outras entrevistadas, uma congoleza e uma haitiana também haviam concluído o curso superior.

Tabela 2: Número e porcentagem de mulheres negras imigrantes segundo o país de origem e grau de instrução.

VARIÁVEIS		PAÍS DE ORIGEM				Total
		Angola	Congo	Costa do Marfim	Haiti	
GRAU DE INSTRUÇÃO	Ensino Fundamental		1 (33,3%)			1 (3,0%)
	Ensino Fundamental incompleto			1 (50,0%)		1 (3,0%)
	Ensino Médio	14 (60,9%)	1 (33,3%)	1 (50,0%)	2 (40,0%)	18 (54,5%)
	Ensino Médio incompleto	3 (13,0%)			1 (20,0%)	4 (12,1%)
	Não respondeu				1 (20,0%)	1 (3,0%)
	Superior Completo	2 (8,7%)	1 (33,3%)		1 (20,0%)	4 (12,1%)
	Superior, cursando	4 (17,4%)				4 (12,1%)
Total	23 (100,0%)	3 (100,0%)	2 (100,0%)	5 (100,0%)	33 (100,0%)	

Fonte: Pesquisas de mulheres negras imigrantes – São Paulo, 2018

As mulheres negras continuam a imigrar para o Brasil. Dentre as entrevistadas, o tempo de residência variou de 3 meses a 8 anos (média 2,3 anos, desvio padrão de 1,7 ano).

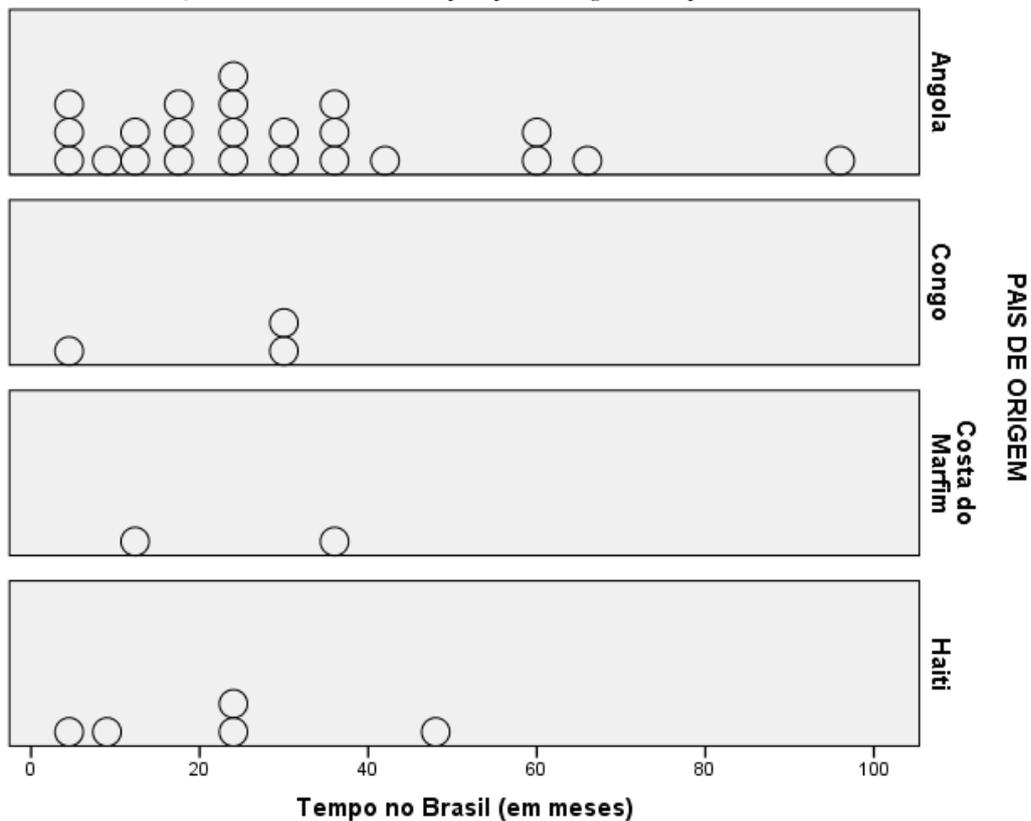
Gráfico 1 Distribuição do número de mulheres pelo tempo de residência no Brasil



Fonte: Pesquisas de mulheres negras imigrantes – São Paulo, 2018

As mulheres negras imigrantes que residem por mais tempo no Brasil são as entrevistadas que vieram de Angola.

Gráfico 2 Distribuição do número de mulheres pelo país de origem e tempo de residência no Brasil.



Fonte: Pesquisas de mulheres negras imigrantes – São Paulo, 2018

DISCUSSÃO

Sessenta por cento das entrevistadas estavam com idades entre 31 e 40 anos, fato considerável para a elaboração de estratégias, ações e políticas laborativas com vistas à incorporação destas mulheres na sociedade (Ruano; Martuscelli, 2016). Os achados destacaram que a média etária das entrevistadas foi de 31,2 anos. Os resultados encontrados não estão distantes

dos achados da pesquisa sobre a imigração feminina haitiana, que constatou uma média etária de 33,6 anos. (Martuscelli; Novaes, 2015). Os números mostraram que o grupo se encontra em período de vigorosa produtividade. Denota-se que a idade das imigrantes impacta, efetivamente, o país de origem e de recepção, alterando a pirâmide etária dos dois territórios (Ramos, 2008).

Mais da metade das entrevistadas vieram de Angola. Duas importantes questões impulsionaram a presença do grupo no Brasil: acordos na área de educação e os conflitos civis. Esses últimos fizeram com que as mulheres abandonassem seu país procurando refúgio em terras brasileiras. Evidencia-se o fato de Angola ser um país lusófono e membro da Comunidade de Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) (Silva; Silveira; Muller; 2018), o que contribuiu para que barreiras fossem transpostas. Ressalta-se que o final da guerra civil em Angola também estimulou as relações comerciais com o Brasil, explicando o contínuo processo migratório (Patarra; Fernandes, 2011).

O êxodo haitiano possui motivações políticas e ambientais. Uma longa ditadura e um novo governo frágil, apoiados pela França e Estados Unidos, que funcionaram como retaguardas oposicionistas, alimentaram uma guerra civil; situação que tornou difícil a vida das cidadãs. Fugas e intervenções internacionais constituíram a história recente do país. Pouco tempo após este processo, furacões e um terremoto de grande magnitude devastaram o país. O Brasil foi uma das escolhas para a reconstrução da vida. Hoje, o Haiti é uma nação destruída economicamente e experimenta as consequências da situação, o que inclui as epidemias de cólera e Aids (Moraes, 2013)

No que se refere à República Democrática do Congo, o país se destaca pela potência de suas riquezas minerais e naturais. Suas reservas naturais formam um belo cenário e as substâncias presentes no solo são essenciais à indústria de eletrônicos. Contudo, os conflitos étnicos e políticos na região contribuíram para a saída de 4 milhões de cidadãos. Outro tantos milhões morreram, em sua maior parte crianças e mulheres. Dentre estas últimas, muitas foram violentadas como método estratégico de guerra, independentemente da idade. O Congo é observado como o pior lugar do mundo para as mulheres (Nascimento, 2019). Desta forma, compreende-se o êxodo de mulheres congolezas.

A guerra civil grassou a Costa do Marfim e os conflitos étnicos continuam a acontecer. Ainda assim, o país desperta interesses políticos e de negócios à França que, mesmo depois do fim da colonização, busca manter seu protagonismo local. Tal conjuntura contribui para a fuga da população feminina (Gonçalves, 2019).

No que se refere ao grau de instrução, quase setenta por cento das mulheres negras imigrantes concluíram o ensino médio e vinte e quatro por cento chegaram ao ensino superior, sendo que quatro mulheres finalizaram a graduação. As entrevistadas com os melhores níveis de escolaridade vieram de Angola. Os resultados sobre o grau de instrução são consonantes com um estudo realizado em Florianópolis (Silva; Silveira; Muller; 2018). Questões atinentes aos países de origem refletem-se no histórico educacional dessas mulheres.

Angola sofre as consequências da instabilidade causadas por questões políticas. A partir da década de 1980, as dificuldades de acesso, assim como o próprio sistema de educação, se degradaram. A rede escolar é deficitária, os materiais didáticos e pedagógicos são escassos e a qualidade docente questionável (Elias; Moreira, 2017). Um estudo destaca como estes aspectos impactaram, especialmente, as mulheres (Santos, Novaes, Chaves, 2019). Ainda assim, elas conquistam melhores índices de escolaridade e muitas buscam instrução fora do país.

No Haiti, mesmo diante do reconhecimento da igualdade de gênero, persistiu a hierarquia masculina. Menciona-se, também, as diferenças relativas à acessibilidade e à educação, que se encontram atreladas às condições socioeconômicas das famílias. O sistema de educação do Haiti é constituído por um sistema público, de qualidade variável, e por um outro, particular, com melhor qualidade. Esse, privilegia os grupos que possuem melhor situação socioeconômica (Sitta, 2017). Salienta-se que as famílias com mais status optam por oferecer melhor instrução aos filhos homens. Ainda hoje, prevalece a submissão das mulheres e estas, quando casadas, voltam-se para os encargos de cuidados das suas famílias (Sitta, 2017). Atualmente, mesmo diante das dificuldades observadas, as mulheres lutam por melhores oportunidades de educação.

O Congo vive problemas relacionados a justiça social e igualdade de gênero, caracterizados, inclusive, pelo não lugar de fala de mulheres (Salgueiro Marques, 2019). Os acessos desiguais à alfabetização e educação reforçam esta situação, em que a formação da mulher estaria voltada, prioritariamente, para as tarefas domésticas e práticas maternas. A instrução feminina no país, por muito tempo, deteve-se, apenas, nos rudimentos da língua.

Quadro parecido existe na Costa do Marfim. Ainda assim, as autoridades locais evidenciam que a educação da mulher possui importantes repercussões na saúde da família (Tan; Hill, 1993). A Costa do Marfim já foi um país de riqueza diversificada, mas conflitos internos empobreceram o país, atingindo, de forma especial, a educação (Silva; Oliveira, 2011).

É importante lembrar que questões econômicas impulsionam um grande número de migrações (Pereira, 2018) e muitas mulheres negras imigram para melhorar o contexto socioeconômico. Contudo, os resultados evidenciam que estas mulheres se encontram vulneráveis no quesito ocupação e empregabilidade. Menciona-se que, robustamente, o gênero e a etnia são entraves à entrada no mercado de trabalho.

No Brasil, em parte, tal aspecto exemplifica-se pelo fato de indivíduos negros, apesar de representarem mais de 50% da população, estarem expostos a muitas fragilidades sociais, viverem de maneira precária, sofrerem com dificuldade de acesso a saúde e educação e encontrarem-se fora dos cargos de comando. Ademais, encontram-se ausentes do mercado de trabalho, fatos que escancaram o racismo no Brasil (Malaquias, 2017).

No caso específico das imigrantes negras, pesquisa relata que quando estas mulheres conseguem alguma colocação, estão sujeitas ao acesso desigual, muitas vezes sofrendo, além da discriminação, a exploração (Dutra, 2013). Com certeza, a empregabilidade deve ser compatível com as competências do trabalhador, entretanto, no contexto das imigrações, tal cenário inexistente. É importante evidenciar que as trabalhadoras da economia informal estão desprotegidas das leis laborais e as questões relacionadas à empregabilidade das imigrantes estão ligadas à precariedade contextual do grupo e ao desconhecimento de seus direitos, enquanto trabalhadoras (Ramos; Patrício, 2017). Os empregos conquistados costumam exigir pouca qualificação (Martuscelli; Novaes, 2015) e, mesmo quando essas mulheres possuem melhor formação, enfrentam obstáculos para alcançar trabalhos que ofereçam garantias sociais e maiores ganhos (Silva; Silveira; Muller, 2018). Tais aspectos expõem o caráter de dominação. Uma das imigrantes não respondeu à pergunta relacionada à ocupação, corroborando com a ideia de que os imigrantes podem se tornar refratários às especulações (Mello; Campinas, 2010). Este comportamento também pode acontecer devido ao medo, vergonha e insegurança, entre outros.

O estudo reforçou que o Brasil é um país de imigrantes, já que os indivíduos continuam

chegando aqui para reconstruir a vida (Lima; Silva, 2017). Este fato se confirma pelo número expressivo de mulheres (57%) que imigraram nos últimos 25 meses. Mesmo sendo considerado um país em desenvolvimento, o Brasil é observado como um local atrativo para os imigrantes menos tradicionais, onde inserem-se, entre outros, indivíduos oriundos da África (Silva, Silveira, Muller, 2018). É importante mencionar que tal movimento se acentuou a partir do ano de 2010, contribuindo para que o país entrasse em rota de transformações, sem que houvesse uma organização específica para o acolhimento dessas populações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destaca-se que mulheres negras imigrantes têm chegado ao Brasil em idade produtiva, o que pode contribuir para o desenvolvimento do país.

As mulheres negras angolanas são as que mais imigram para o país. A facilidade do idioma e a aproximação cultural explicam o contexto.

Mesmo com as dificuldades encontradas em seus países de origem, parte significativa da comunidade possui instrução que transita entre o ensino médio e superior. Ainda assim, observou-se que os empregos conquistados pelo grupo são aqueles que exigem pouca qualificação. Ressalta-se, de maneira vigorosa, que um número expressivo de mulheres negras imigrantes enfrenta o desemprego. Inere-se que estes resultados apontem para a discriminação e a exclusão relacionadas aos indivíduos negros no Brasil.

Dentre as entrevistadas, as que residem há mais tempo no país são as angolanas. Entretanto, identifica-se imigrantes que chegaram, recentemente, oriundas de outros países, confirmando a vocação imigratória do Brasil, já que, mesmo diante das dificuldades existentes, os grupos continuam a chegar.

Em face desta realidade, torna-se importante a formulação de políticas de acolhimento e inclusão dessas mulheres na comunidade, já que as mesmas, a partir de suas chegadas, passam a constituir a população do país.

REFERÊNCIAS

- CARLEIAL, Adelita. Redes sociais entre imigrantes. In: XIV ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, ABEP, 2004. **Anais...Caxambu –MG:ABEP, 2004.** p.1-1.
- DUTRA, Delia. Mulheres, migrantes, trabalhadoras: a segregação no mercado de trabalho. **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 21, n. 40, p. 177-93, 2013.
- ELIAS, Luís Sergio Timóteo; MOREIRA, M. A. **Gênero e educação em Angola: Um estudo com estudantes do Ensino Secundário.** Angola, 2017. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Universidade do Minho, 2017.
- FONTANELLA, Bruno Jose Barcellos et al. Amostragem em pesquisas qualitativas: proposta de procedimentos para constatar saturação teórica. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 27, p. 388-94, 2011.
- GONÇALVES, Mário Elisandro. A intervenção militar francesa em África: O caso das intervenções na Costa de Marfim (2011). **Cabo dos Trabalhos**, v. 18, p. 1-8, 2019.
- LIMA, Sarah Somensi de; SILVA, Leda Maria Messias da. Os imigrantes no Brasil, sua vul-

- nerabilidade e o princípio da igualdade. **Revista Brasileira de Políticas Públicas**, v. 7, n. 2, p. 385-403, 2017.
- LOPES, Fernanda. Para além da barreira dos números: desigualdades raciais e saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, n. 21, p. 1595-601, 2005.
- MALAQUIAS, Maria Célia. Relações raciais no palco da vida *In*: KON, Moriz Noemi; DA SILVA, Maria Lúcia; ABUD, Cristiane Curi (Org.) **O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise**. São Paulo: Perspectiva, 2017. p. 277-294.
- MARTUSCELLI, Patricia Nabuco; NOVAES, Dirce Trevisi Padro. Perfil dos haitianos acolhidos pela Missão Paz: algumas evidências dos dados primários – janeiro a julho de 2015. **Travessia- Revista do Migrante**, v. 77, p. 97-114, 2015.
- MELLO, Rosiane Aparecida de; CAMPINAS, Lúcia de Lourdes Souza Leite. Multiculturalidade e morbidade referida por imigrantes bolivianos na Estratégia Saúde da Família. **O Mundo da Saúde**, v. 34, n. 1, p. 25-35, 2010.
- MORAES, Isaias Albertin; ANDRADE, Carlos Alberto Alencar de; MATTOS, Beatriz Rodrigues Bessa. A imigração haitiana para o Brasil: causas e desafios. **Conjuntura Austral**, v. 4, n. 20, p. 95-114, 2013.
- NASCIMENTO, Suellen Felix. Refugiados congolezes: a evidenciação do racismo no Brasil. *In*: ENCONTRO INTERNACIONAL, 7. E ENCONTRO NACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL, 14., 2019, Vitória. **Anais...** Espírito Santo: Vitória, 3 - 6 jun. 2019. p. 1-14.
- NEGREIROS, Hanayrá. Mulheres bantos: estéticas africanas em terras paulistas. *In*: BAGGIO, Fábio; PARIS Parise; SANCHEZ, Wagner Lopes. **Diásporas africanas e processos sociorreligiosos**. São Paulo: Paulus, 2017. 167 p.
- OLIVEIRA, Robson da Costa; MORAES, Maria Cecília Leite de. O que pensam os profissionais da estratégia saúde da família sobre o acolhimento. **Revista Saúde.Com**, v.13, n.3, p. 965-971, 2017.
- PADILLA, Beatriz. Saúde dos imigrantes: multidimensionalidade, desigualdades e acessibilidade em Portugal. **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v., n., p. 49-68, 2013.
- PATARRA, Neide Lopes; FERNANDES, Duval. Brasil: país de imigração. **Revista Internacional em Língua Portuguesa – Migrações**, v. 3, n. 24, p. 65-96, 2011.
- PEREIRA, Bruna Cristina Jaquetto. **Dengos e zangas das mulheres-moringa: vivências afetivo-sexuais de mulheres negras**. Estado: Editora, 2019.
- RAMOS, Maria Conceição Pereira. Impactos demográficos e sociais das migrações internacionais. **Saúde, migração e interculturalidade**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, p. 11-44, 2008.
- RAMOS, Maria Conceição Pereira; RAMOS, Natália. Associativismo migrante, participação e inclusão social no espaço urbano. *In*. Encontro Estadual de História da ANPUH, 22., 2014, Local. **Anais eletrônicos**.
- RAMOS, Maria Conceição Pereira; PATRÍCIO, Olívio. Educação e comunicação na prevenção, segurança e saúde no trabalho *In*: RANGEL, Maria Ligia; RAMOS, Natália. (Org.). **Comunicação e Saúde: perspectivas contemporâneas**. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 245-264.
- RAMOS, Natália; FRANKEN, Ieda. Cidadania e direitos aprisionados de brasileiros imigrantes ilegais na Suíça: Implicações na saúde e qualidade de vida. **Revista Ambivalências**, v. 6, n. 11, p. 09-34, 2018.

RUANO, Elizabeth; MARTUSCELLI, Patrícia Nabuco. Vivências discriminatórias según colombianas y paraguayas radicadas en Ecuador y Brasil. **Travessia- Revista do Migrante**, n.78, p. 79-99, 2016.

SALGUEIRO MARQUES, Ângela Cristina; KOHO, Olga Kambilo; EKOMBA, Princess Kambilo. Representações de mulheres congolosas no Théâtre popular e criação de cenas de conflito. **Rev. Cad. Comum.**, v. 23, n. 1, p. , jan.-abr. 2019.

SANTOS, Aline Lima; NOVAES, Dirce Trevisi Prado; CHAVES, Maria de Fátima Guedes. Angolanas no Brasil e a maternidade: “É melhor deixar filhos do que riqueza”. **Cadernos de África Contemporânea**, v. 2, n. 4, 2019.

SILVA, Igor Castellano; Oliveira, Lucas Kerr de; DIALLO, Mamadou Alpha. A Crise da Costa do Marfim: a desconstrução do projeto nacional e o neo-intervencionismo francês. **Conjuntura Austral**, v. 2, n. 6, p. 4-32, 2011.

SILVA, Karine de Souza; SILVEIRA, Henrique Martins da; MULLER, Juliana. Santa Catarina no roteiro das diásporas: os novos imigrantes africanos em Florianópolis. **Revista Katálysis**, v. 21, n. 2, p. 281-292, 2018.

SITTA, Jenifer Thaina. Posições sociais e maternidade no percurso migratório de mulheres haitianas residentes em cambé-2017. 2017. 63f. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

TOPA, Joana; NEVES, Sofia; NOGUEIRA, Conceição. Imigração e saúde: a (in) acessibilidade das mulheres imigrantes aos cuidados de saúde. **Saúde e Sociedade**, v. 22, p. 328-341, 2013.